

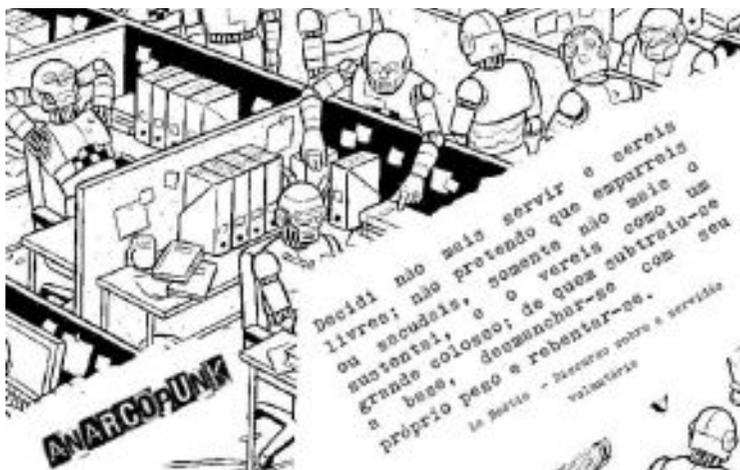


ZINE APERIÓDICO - NÚMERO 1

O TRABALHO NÃO DIGNIFICA

Anarcopunk Trabalho

SERVIDÃO





ZINE APERIÓDICO - NÚMERO 1

Denis Tulio Facundo - Dan -
Bizarro Zangado - Amante
da Heresia - Marina Knup
- Mauricio Remigio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A639 Aperiódico: fazeres / Organizador Maurício Remigio. – Macapá, AP: Monstro dos Mares, 2021.
48 p. : 14 x 21 cm – (Aperiódicos; v. 1)

ISBN 978-65-86008-09-8

I. Ciências sociais. 2. Punks. 3. Trabalho. I. Remigio, Maurício.
II. Título. III. Série.

CDD 305.23

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**NÓS PODERÍAMOS COLOCAR TODOS OS DIRIGENTES
DO BANCO CENTRAL EM UM COFRE GIGANTE
E OS VIVENDO LÁ, COM A ECONOMIA DELICADA
QUE COME DINHEIRO.**

AILTON KRENAK

EDITORIAL

Este é um zine anarcopunk. Depois de muitos a zines, agora volto com uma proposta de um zine aperiódico, temático, com intuito de discutir conteúdos diversos que se mostrem cruciais nos debates sobre anarcopunk. A ideia é possibilitar que o tema abordado em cada edição seja discutido por anarcopunks dos diversos pontos geográficos do país, de modo que estes possam expor seus pontos de vista, ideias e **fazer**s.

A intensão é transformar este espaço numa discussão coletiva, uma vez que sabemos a importância do zine como um modo de se expressar opiniões e posicionamentos no meio anarcopunk. Por circular em diversos grupos, pessoas, cidades, regiões e países e, por tornar público tudo o que a grande imprensa despreza, os fanzines assumem papel fundamental do movimento anarcopunk.

Os anarcopunks mantêm-se vivos. É um erro falar da morte do movimento anarcopunk, tanto que, aqui, neste zine, conto com a participação de anarcopunks de diversos estados do país. Pois é, nos reunimos para discutir neste zine a visão do anarcopunk sobre trabalho.

Percebo, a partir dos relatos expostos neste zine, a importância das formas de recusa ao capitalismo, os quais, de várias formas, no cotidiano, possam ir contra a corrente da reprodução capitalista.

Isso reforça a importância das pessoas, nas suas práticas e desconfiarem e não reproduzirem as normas.

Alerta-se para a urgência em romper com a lógica em que vivemos, de modo que possamos criar práticas, no aqui e agora, e vivermos, nas nossas ações cotidianas, a criação de relações outras, dentro ou fora do movimento anarcopunk, a partir da recusa ao capitalismo global em busca de fazeres não determinados pelo dinheiro nem condicionados pelas regras do poder.

Desta vez, neste número 01, para discutir o tema **trabalho, sob o ponto de vista anarcopunk**, formo um bando com: Denis (CE), Dan (PB), Bizarro (PA), Amante da Heresia (DF) e Marina Knup (SP). É proposta do zine manter todos os textos e imagens, enviados pelos colaboradores, preservados, em íntegra, sem nenhum tipo de interferência ou revisão final.

Mauricio Remigio

Macapá – AP 2020



**CAPITALISTAS SOMOS NÓS!!! ACUSAMOS O PATRÃO
DE CAPITALISTA E REPRODUZIMOS NO COTIDIANO
AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS DE PROPRIEDADE DE
EXPLORAÇÃO**

DENIS TULIO FACUNDO

**TODO SER HUMANO TRABALHA COM A
EXTREMA FADIGA DE SUAS FORÇAS POR
ALGO QUE NÃO POSSUI VALOR ALGUM**

DAN

**NEM DEUSES NEM MESTRES NEM PÁTRIA NEM
PATRÃO NEM TRABALHO: LIBERDADE
AUTOGESTÃO APOIO-MÚTUO AUTONOMIA VIDA
AMOR-LIVRE**

BIZARRO ZANGADO

ANTIEMPREENDEDORISMO

AMANTE DA HERESIA

**QUAL TRABALHO? REPENSANDO
NOSSAS DINÂMICAS**

MARINA KNUP

**FAÇA VOCÊ MESMO COMO RECUSA AO
TRABALHO BRUTAL E DESUMANIZADOR**

MAURICIO REMIGIO

**CAPITALISTAS SOMOS NÓS! ACUSAMOS O
PATRÃO DE CAPITALISTA E REPRODUZIMOS
NO COTIDIANO AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS
DE PROPRIEDADE E DE EXPLORAÇÃO**

Denis Tulio Facundo –
Fortaleza –CE

email:

gisoaresgal@gmail.com

Antes de iniciar minha percepção sobre a categoria “trabalho” pelo olhar punk, acho importante escrever como este tema se tornou merecedor de atenção para me compreender nesta relação, bem como para perceber como esta relação afeta a vida de todos nós, principalmente, como ela nos aprisiona, nos captura, funcionando como um mecanismo que perpetua as relações de exploração e de destruição do planeta, seja dos organismos considerados vivos ou não.

Uma prática muito comum no punk, especialmente, entre aqueles que se aproximaram do anarquismo é atentar para a importância da leitura, investir na autoformação, tentar compreender o funcionamento dos mecanismos de exploração e de opressão que, historicamente, vêm destruindo os modos de vida que não operam pela lógica do capital e, assim, desenvolver práticas de resistência que possibilitem criar modos de vida fundamentados em relações capazes de preservar as diversidades presentes no

planeta. Essa autoformação, como experiência viabilizada nas relações vividas, traz o pensamento como ferramenta de avaliação, potencializando as nossas vidas. Inserido no movimento punk e à procura desta formação nas informações produzidas, criadas por milhões de lutadores sociais, nas experiências relatadas e transformadas em artigos, livros ou repassadas através da oralidade, deparei-me com a categoria do trabalho, que é indicada por alguns como central na sociabilidade capitalística. O anarquismo, assim como as teorias socialistas, é tributário do pensamento moderno e constituiu práticas e produções teóricas, visando combater a exploração. Uma leitura bem abundante pelo tema foi produzida, principalmente, acerca do anarco-sindicalismo, quando diversas categorias de trabalhadores organizaram-se sob orientação anarquista e buscaram resistir às imposições que se fundamentam na delegação de responsabilidades e de poder. Estas resistências procuraram criar sociabilidades capazes de eliminar instrumentos e instituições que sustentam o assujeitamento e a conseqüente subordinação ao Estado, ao patrão, através de medidas e condutas que garantem a perpetuação da exploração e opressão. Assim, tive acesso a diversos autores como Proudhon, Bakunin, Malatesta, Kropotkin, Elisée Reclus, José Oiticica, Neno Vasco, Emma Goldman, Nestor Makhno entre outros, a eventos como a Comuna de Paris, Revolução Francesa, Revolução Mexicana, Revolução Russa, Revolução Espanhola, procurando conhecer sobre as diversas insurreições do período colonial no Brasil e na América

Latina, os modos de organização dos trabalhadores no Brasil no final do século XIX e início do século XX, a fundação das escolas modernas, das federações operárias, dos diversos jornais anarco-sindicalistas, e também, através de debates, conheci as teorias e as práticas da esquerda e/ou marxistas-leninistas.

Entretanto, percebi nesta caminhada que, por sermos tributários do Iluminismo e do pensamento moderno, pouco ou quase nenhuma importância foi dada ao pensamento indígena, por exemplo. O que gerou a aproximação com este pensamento foi o fato do punk, em sua estética, ir beber nesta fonte. Estética, aqui, envolve uma abordagem ética e artística, possibilitando uma aproximação e uma relação que vem potencializar nosso pensamento e criar modos de vida resistentes sem passar pelas categorias que estruturam o pensamento ocidental e que se colocam como a única alternativa de luta e de vida. Os saberes da floresta (que compõem o pensamento indígena) ajudam a perceber e a buscar uma ruptura teórico-conceitual que recusa o modo de vida sustentado na representação. A representação referencia as teorias da esquerda. Quando transito em outras maneiras de pensar, posso notar as proveniências e potências dos pensamentos não mais a partir de uma origem geográfica (europeia, asiática, africana, americana ou de Abya Yala), não se restringindo a uma cor (não importando se branca, azul, verde ou preta), mas a partir das forças de transformação e sendo atravessado por diversos pensamentos, seja indígena com os saberes da floresta, seja da filosofia da diferença, seja do anarquismo, seja “étnico” com os saberes da aldeia, ou ainda, buscando compor com todos eles. Por isso, fica

difícil abordar o trabalho como uma determinação de todas as relações, pois há processos dos mais variados, de diversas proveniências, cujos interesses investem e subjetivam as pessoas a reproduzir o capitalismo cotidianamente nas relações micropolíticas.

Uma das armas do capitalismo é que ele é mutante, é como um vírus que, ao contrário de algumas forças que dizem combatê-lo, não se cristaliza em programas de atuação e lutas. A sociabilidade capitalística está atenta a todos os movimentos para capturar as relações não-capitalistas, submetendo-as à sua lógica e ao seu funcionamento. Neste processo, a lógica do capital está sempre pronta para barrar e absorver as resistências, pois o capitalismo é imanente, ocorre no plano do vivido, apostando nas políticas de inclusão, de direitos, de empoderamento e de reconhecimento como uma espécie de concessão ou de tutelamento do Estado que neutraliza as lutas.

Breve nota sobre as formas de exploração:

Talvez, para falar sobre trabalho, seja interessante situar historicamente e diferenciar o trabalho assalariado, e dito "livre", das outras formas de exploração anteriores à implementação do capitalismo como a escravidão e a servidão. Com o surgimento da centralização e hierarquização do poder, da divisão social e da exploração econômica, pode-se esquematicamente apontar que as formas de exploração implementaram-se com as primeiras sociedades estatais localizadas no Oriente Próximo, (Mesopotâmia, Egito, Pérsia).

O Estado equivalia ao rei ou ao faraó, considerado o proprietário de todas as terras. As comunidades que

ocupavam estas terras passaram a ser exploradas através da servidão coletiva. Elas tinham que pagar taxas e impostos sobre tudo o que produziam na agricultura e na pecuária, já que utilizavam as terras do Estado, além de se tornarem a mão-de-obra destinada para construção das grandes obras públicas (obras hidráulicas, pirâmides, etc.). Uma mão-de-obra obrigatória que se caracterizava como espécie de tributação paga em serviços diretos ao rei.

A escravidão também ocorreu nesta época predominando no Ocidente, em especial na Grécia e em Roma. Os escravos eram em sua maioria estrangeiros capturados nas guerras (e alguns cidadãos endividados) que se transformavam em propriedades do Estado. Eles eram cedidos para trabalharem nas grandes propriedades de terras dos nobres senhores. Neste período, a escravidão era preponderantemente branca diferente da escravidão colonial.

Na Idade Média, a servidão pessoal assinalou a forma de exploração com as obrigações impostas pelos senhores de terra e pela Igreja. Desde a fragmentação do Império Romano, o poder político centralizado tendeu a desaparecer, reforçando os poderes locais e as relações diretas servo-senhor existentes nos feudos. As principais obrigações eram a corvéia, que correspondia ao cultivo gratuito nas terras do senhor durante aproximadamente quatro dias da semana; a talha que determinava uma porcentagem paga pela produção; e as banalidades que eram taxas pagas pelo uso dos equipamentos do feudo. As obrigações compulsórias e a privação de liberdade foram aspectos determinantes da servidão pessoal.

A transição para o capitalismo

introduziu modificações profundas nas relações de produção. Nesta transição, ocorreu a expulsão destes servos e camponeses das terras, que passaram a ser consideradas propriedades privadas, podendo ser compradas e vendidas.

Paralelamente, neste período, a escravidão dos africanos foi implantada como a principal forma de exploração nas colônias européias, garantindo a acumulação de riquezas nas metrópoles. Os africanos eram capturados, vendidos como mercadorias e tornados objetos pessoais dos proprietários dos latifúndios no continente americano. Com a Revolução Industrial, o trabalho assalariado tornou-se a forma fundamental de exploração. Ironicamente, os “trabalhadores livres” foram estrangidos a vender sua força de trabalho para os capitalistas, os donos dos meios de produção. Esta nova ordem de exploração caracteriza o que geralmente denomina-se de trabalho, referindo-se ao trabalho assalariado associado aos direitos e deveres trabalhistas conquistados ao longo do tempo. Entre as conquistas, destacaram-se a jornada de oito horas diárias, férias, descanso semanal, proibição do trabalho infantil, rescisões e multas contratuais... Elas foram consideradas direitos que implicaram deveres, transformando-se em uma armadilha, uma maneira de aprisionar as lutas e acomodar as resistências políticas no sistema.

Tais conquistas também foram apropriadas pelo Estado como autor das ações que foram disparadas pelos lutadores sociais. Elas terminaram por preservar a ordem econômica capitalista e a ordem sócio-política instituída com a representação, neutralizando as lutas que visavam a transformação da

ordem social. As representações partidárias também tiveram papel crucial nesta captura, uma vez que aparelharam os sindicatos, desfocando a luta social que se pautava pela auto-organização. As estratégias político-partidárias implementaram hierarquizações e definiram novas direções das ações em confluência com a tomada do poder político e do Estado. Atualmente, outras formas de exploração têm ganhado terreno, proporcionando a ampliação da exploração capitalista, além das perdas sucessivas dos direitos dos trabalhadores anteriormente conquistados que comprometem a categoria do trabalho.

Mudanças para conservar: A lógica capitalística aposta em uma linha de montagem de comportamentos e condutas que vêm reforçar, legitimar a delegação de responsabilidades para que ninguém acredite na possibilidade de auto-organização. Os discursos são reformulados e coincidem com algumas mudanças na sociabilidade capitalística, que assinalam a passagem da sociedade disciplinar e da biopolítica, onde os governos investiram no poder como produção, para a sociedade de controle.

Os direitos (característicos da sociedade disciplinar) também são maneiras de assujeitamento e de legitimidade do Estado, por isso investimentos na saúde e na educação vinham preservar a vida para garantir força de trabalho e cidadania (como submissão política e social). Mas com o desenvolvimento tecnológico e com a automatização da produção somados a outras mudanças no capitalismo, o trabalho enquanto prática que surgiu com a revolução industrial, enquanto um conceito moderno está acabando, sendo descartado. Por

isso, hoje pelo mundo todo há tantos ataques aos "direitos" trabalhistas. O que vemos ou temos agora é um domínio que se conceitua como "serviços", onde o explorado não tem nenhum vínculo com o empregador. Inclusive o prestador banca todo o equipamento necessário para realização do serviço prestado e não tem garantia nenhuma. Algo que conhecemos como "uberização" do trabalho (que já não é mais trabalho, mas venda de serviços para as sociedades de controle).

Estas sociedades se desenvolveram principalmente a partir dos anos 90, com a queda do muro de Berlim, com a disseminação dos meios informatizados e de comunicação que antes era de uso quase exclusivo dos militares. O uso dos equipamentos informatizados pela população permite o controle do governo através do fornecimento de dados, da definição de perfis e de novas formas de sujeição atreladas. Agora o objetivo dos governos e corporações é descartar as vidas que se tornaram excedentes ou resíduos para o capital. Aquilo que o filósofo Achille Mbembe conceitua como necropolítica.

Mas sem trabalho, como garantir a reprodução capitalista e o lucro?

Os capitalistas somos nós. Acusamos o patrão de capitalista e reproduzimos no nosso cotidiano as mesmas relações de propriedade e de exploração com as pessoas, com as coisas, com as relações hierárquicas, etc. O termo "meu" e "minha" são indicativos destas condutas: o "meu" filho, a "minha" mulher, a "minha" individualidade... Os processos de subjetivação são estratégias de produção de comportamentos em série, através de identidades e de

modelos a serem consumidos e reproduzidos como garantia de reprodução do capital através da lógica capitalística. O principal meio de disseminação desta lógica é a mídia, embora ela se faça presente em todas as dimensões (doméstica, afetiva, escolar, empresarial, cultural, esportiva...).

Esta lógica que atravessa as nossas ações e desejos com enquadramentos, filiações e necessidades de reconhecimentos, fomenta e valoriza a idéia de individualidade, de propriedade presente na personalidade de cada um, nas identidades mutantes como mercadorias que se adquirem em condutas e acessórios, perpetuando as formas de produção e consumo. Muitas lutas que se apresentam como alternativas são absorvidas e transformadas em formas de subjetivação que promovem a reprodução do capitalismo através da inclusão e do fomento ao capitalista de risco, ao empreendedorismo, ao empresário de si, ao prestador de serviços. Mudanças que asseguram a ampliação de ação e controle do capital.

E o 1º. de Maio? Um feriado? Uma data comemorativa? Ou um dia de luta contra o capitalismo?

Lutar contra o capitalismo é ativar outras maneiras de viver que escapam do fundamento do trabalho e da exploração para compor novas sociabilidades que vão para além do homem e do humano.



“TODO SER HUMANO TRABALHA COM A EXTREMA FADIGA DE SUAS FORÇAS POR ALGO QUE NÃO POSSUI VALOR ALGUM”

DAN - João pessoa _PB

email: danjpchaos@hotmail.com

Ao longo de “nossa” história sócio-política recente, a retórica do trabalho evocada como virtude pelas classes dominantes brasileiras, antecipa nossa morte em vida ao tentar nos tornar escravos do trabalho. Expressões como “o trabalho dignifica o homem” ou “o trabalho liberta” figuram em momentos de crise como a única solução viável para déspotas, burgueses e religiosos que jamais se preocuparam com nossas misérias coletivas e individuais - a não ser quando estas servem à sustentação do próprio luxo.

Ao abrirem a boca o que se houve é o canto da sereia numa clara representação do mau caratismo que, assim como quem é seduzido pela melodia do engano, *dança*. No contexto da necropolítica brasileira, por exemplo, essa percepção se tornara ainda mais evidente. Sobretudo, se considerarmos, mas sem ignorar o passado, o período que vai da derrubada do governo ilegítimo da esquerda por seu vice em um grande espetáculo midiático e estatal, cujo slogan “Não fale em crise, trabalhe”, consolidou mais um golpe orquestrado pelo “toma lá da cá” tão caro à coletividade.

A atual ascensão da extrema direita, com mais um governo ilegítimo e igualmente corrupto e, desta vez, de caráter fascista à brasileira,

capitaneado pela figura repugnante de um presidente sádico e lunático cujo discurso moral em favor do trabalho, estimula e comete atos genocidas contra os mais pobres, como se já não bastasse sofrer com a fome e as violências costumeiras, ainda é preciso enfrentar à própria sorte uma crise sanitária mundial sem precedentes provocada pela pandemia do COVID-19. Estamos

diante de uma marcha fúnebre conduzida pelo fundamentalismo fraticida-negacionista-obscurantista que despreza a vida ante os interesses escusos do capital financeiro mundial. É a política da morte servida como boi diário aos fanáticos de um projeto autoritário à guisa de seu mentor, Olavo é o Caralho! Fascista de primeira ordem. Eu precisava vomitar essas coisas antes de falar um pouco sobre minhas experiências com o trabalho, já que vivemos tempos de ataques violentos contra nossas liberdades (Resistam e se cuidem amigxs).

O trabalho apareceu mais efetivamente no início de minha adolescência como uma obrigação *fulltime*. Trabalhei carregando sacos pesados de farelo e rações durante os anos mais importantes do desenvolvimento do meu corpo. Essas obrigações me impediam de fazer as coisas que eu gostava e eu odiava por que não fazia sentido continuar com aquilo. E foi em meio a esses conflitos que surgiram meus primeiros contatos com a cena underground e, posteriormente, com o movimento punk. Isso provocaria uma ruptura radical em minha visão de mundo. Era como se os valores aprendidos até então desmoronassem e um novo mundo se erguesse, me dando a força e a coragem necessárias para enfrentar meus

próprios medos/traumas. Tudo foi acontecendo espontaneamente. Eu já frequentava a cena underground da cidade antes de ter consciência do que ela realmente representava, mas eu estava lá. Pra resumir, deixei àquela vida e me joguei no mundo, fugindo de casa. À época eu já estava morando em São Luis – MA e com essa atitude me vi completamente fodido (ainda continuo) - sem eira nem beira. A situação de rua me obrigava a *dar meus pulos*. Passava o dia entre um *mangueio* e outro na maior cara dura. Mas, fui cansando dessa *favosagem* e acabei aprendendo a *trampá* com artesanato (“hippie”) e percebi que eu podia ter domínio total da produção e distribuição daquilo que eu fazia. Dessa vez eu podia ter acesso aos poucos frutos daquilo que produzia e tinha mais tempo para fazer o que quisesse, inclusive, nada (direito a preguiça). Isso foi massa, pois me abriu os olhos para perceber o que sempre estive em jogo nas relações de trabalho nas sociedades capitalistas. Mas, isso só foi possível graças a um processo de reeducação e engajamento pessoal no movimento anarcopunk à época. Até então, toda minha experiência com o trabalho se resumia a sina: patrão - lucra e empregado - se fode. Mas, nunca me acomodei. Sempre quis ir além e não ficar preso a uma única atividade pelo resto da vida - resultado de reflexões anarquistas sobre a divisão do trabalho e as profissões. E fiz diversas coisas ao longo de minha vida, buscando sempre autonomia longe da relação patrão-empregado, capitalismo-consumismo. Atualmente aos 35 anos *trampo* com plantas – produzindo, vendendo e trocando espécies ornamentais e frutíferas. O fundamento

continua sendo a atitude punk em tudo que faço. E hoje lá se vão mais de 3 anos... três anos refletindo sobre as relações com a terra e a vida em geral. Mas, também aprendendo a lidar intensamente com sentimentos de amor e ódio. Amor a cada experiência que o contato mais próximo com natureza pode proporcionar. E ódio ao sistema de coisas que nos rouba a vida em cada obrigação. Ódio a tudo que nos tira a possibilidade de irmos além do prescrito. Ódio a falta de solidariedade em um mundo de competitividades e regido pela ganância. Enfim... acho que já falei demais e para concluir só queria dizer que o trabalho jamais dará sentido à vida. Nas sociedades capitalistas o trabalho não passa de um instrumento cruel de controle, exploração e genocídio fulldido contra os mais pobres. Principalmente, negrxs e indígenas. Se há alguma motivação na vida, não será o trabalho nem tão pouco os deuses que nos convencerão disso. O que importa no final das contas é morrer para esse sistema de coisas e renascer para a vida, LIVRES!!!

BUFÃO DO CASTELO

OS SERES

QUEREM TE ORDENAR

TE VER TRABALHAR

MUITO BEM VESTIDO

QUEREM TE VER AGUENTAR

QUEREM QUE O DIA ESTEJA BOM

ELES QUEREM TE VER SOBRIR

AÍ VOCÊ ENTRA NA SALA

E ESCANCARA O RISO BANGUELO

VIRA MAIS UM BUFÃO DO CASTELO

**NEM DEUSES NEM MESTRES NEM PÁTRIA
NEM PATRÃO NEM TRABALHO: LIBERDADE
AUTOGESTÃO APOIO-MÚTUO AUTONOMIA
VIDA AMOR-LIVRE**

bizarro zangado - Belém - PA

email: seboelefantebranco@gmail.com

autogestão

usando a sua própria consciência
se auto-organizando
sem estado e nem patrão
onde nada é de ninguém
mas tudo é de todos

autogestão

autogestão

banda c.u.s.p.e

- ai, que preguiça! exclama o macunaíma diante de tanta loucura, mistificação e culto prestado todos os dias, todas as horas em nome do deus todo poderoso trabalho. o trabalho é a morte n'alma. evoca o velho instrumento de tortura física e psíquica. além disso a maior parte do trabalho que exercemos não nos serve de nada é inútil, existe para justificar a exploração e as injustiças praticadas em seu nome. de nietzsche a stirner, de guy debord ao

grupo crisis poderíamos evocar para nos convencer de que a força que empregamos em produzir e consumir para manter o sistema é uma força desperdiçada, que deveria ser empregada em coisas mais férteis e prazerosas. nossa desigualdade e toda nossa miséria é fruto de nosso trabalho, e isso está aí, as vistas claras de todos, mas há quem insista em não ver, sempre me pergunto: será interrogação. bem, não sei se me importo ainda com a resposta. talvez umas 2 horas de produção estivesse bom, seria talvez o suficiente.

temos que acabar com essa hierarquização do trabalho a partir da elitista divisão internacional do trabalho. essa divisão só serve pra criar mais problemas ainda para as pessoas. uma luta libertária tem como pautas a liberdade, a igualdade, o amor-livre e autogestão como objetivos básicos e reais, além de se ampliar incondicionalmente o apoio-mútuo e o respeito. nada é de ninguém tudo é de todos é dito por nós, mas a prática ainda tem sido tudo é dos poucos e pra maioria nada, apenas trabalho e miséria.

aliás, trabalho e miséria estão intimamente associados, mas de modo geral não discutimos isso, por contrariar a ideia do deus-trabalho, que dignifica e purifica o homem, deixando-o perfeito para os vermes saborearem na cova. o trabalho é nossa degradação e também a melhor metodologia de alienação e massificação. usurpa de nós nosso íntimo e nos torna escravos de si e dos outros, nos aprisiona nesta cadeia tecida de ilusões e nos faz fantoches de um sistema social baseado na mentira e na violência como vias de manutenção do poder.

o trabalho é um projeto de morte e não de vida como nos

ensinaram, estamos sendo enganados há milênios e somos obrigados através desta tortura a manter um pequeno grupo, que nos rouba, os políticos partidários. somos obrigados a sustentar uma justiça que só nos condena, uma polícia que nos tortura e mata e as malditas igrejas que nos doutrina e idiotizam com suas mentiras divinas, ou seja, através do trabalho nos obrigam a sustentar nossa própria miséria, social, cultural, política, religiosa, familiar e etc. entendo, portanto, que o trabalho, esse deus moderno e pós-tudo que todos evocam como salvação da vida e da morte deva ser combatido com todas as nossas forças até o nosso fim. já que é dele que advém todas as nossas misérias, é o fruto da insanidade religiosa, surgido para que pudéssemos servir com nossas forças e energias sacerdotes, reis e outras merdas do gênero. enquanto anarcopunk, abomino esse deus monstruoso, fruto da ganância desenfreada de alguns que passaram a nos impor suas lógicas e modos de viver, nos legando assim, uma vida de misérias infinitas que segundo as religiões deveríamos compreender e aceitar, como uma escolha de deus, que segundo a própria bíblia, nem de nós ele precisa, pois se basta em si mesmo. o trabalho é essa praga que se alastra devorando tudo até não sobrar nada, é a própria fonte do desespero. a primeira explosão que devemos fazer é a do trabalho, em nós mesmo e cada um, fazendo a sua insurreição contra esta tortura, possamos então explodir de vez essa estrutura de forma coletiva. de outra feita, estaremos fadados a eterna repetição dos mesmos erros até aqui praticados. é preciso destruir de forma radical a velha estrutura para que

possamos realmente romper com ela e começar o novo com todas as ferramentas que já dispomos. fica a seguinte questão para a nossa reflexão, nosso exercício do pensamento e para uma possível prática libertadora dessa herança escravocrata deixada para todos impiedosamente, a questão é: como destruir o sistema que nós mesmos sustentamos de sol a sol com o suor de nosso rosto?

SIGO TODO DIA PRO TRABALHO

CAMINHO PRO OFICIO DA PRISÃO

**FAÇO O QUE MANDAM FAZER
SEMPRE**

REPITO O GESTUAL DA PRODUÇÃO

REGRA ACEITA POR COSTUME

SEM TEMPO PRA DANÇAR

SEM TEMPO PRA SORRIR

A VIDA SEGUE SOB O CONTROLE DO MERCADO

MEU CORPO NO RITUAL DA PRODUÇÃO

É ESCRAVIDÃO

MEU CORPO NO RITUAL DA ESCRAVIDÃO

DANÇA

C.O.I.C.E.



ANTIEMPREENDEDORISMO

amante da heresia - brasilia-

DF email: amantedaheresia@gmail.com

peessoas em resistência antiautoritária e anticapitalista passam uma vida inteira engajadas na autogestão da sobrevivência, no autogoverno desde e com suas respectivas comunidades, e na autorreflexão crítica sobre suas práticas políticas. tudo isso sem esquecer que, a causa primordial de suas vidas, é a criação de um mundo onde possam viver em plenitude, sem competir, mas sim compartilhando e, onde o trabalho seja uma festa coletiva de aprendizados e crescimentos mútuos. sabemos que, o exercício dessa nossa criatividade não pode ser, jamais, uma política de qualquer que seja o estado-nação. já que o modo destes existirem é, um duro e mesquinho, poder-imposição. tal adquire as mais diversas formas. dentre as quais, várias delas, chegamos a aceita-las sem nenhuma resistência crítica. assim, por exemplo, se dá com a mais enganadora delas: o tal “empreendedorismo”. sim! empreender é a expressão de uma política capitalcêntrica. ou seja, tem como centro de gravidade o capital, e não a emancipação. deste modo, o empreendedorismo não está nem além e nem contra o capital; é mero dispositivo encantador da globalização neoliberal. ao empreender, todo o seu agir, seu colocar ideias em prática, seu batalhar por elas, e todas as suas tentativas de realiza-las é, simplesmente, direcionados à internalização máxima da relação econômica da

escravidão: opressor/oprimidx. aceitar ser “patrão de si mesm^x” é, aceitar ser a expressão de uma profunda e perversa relação de exploração, ao mesmo tempo em que, desavisadamente, oculta-se o rosto dos exploradores. o que significa passar 24 horas por dia, 7 dias por semana, 30/31 dias por mês, 365 dias por ano, agindo contra qualquer condição de sindicalização, esquecendo por completo o cooperativismo como modelo econômico e, por fim, isolando-se na mais completa fetichização e mercantilização de sua própria vida: acumulação, progresso individual e clientela do desenvolvimentismo. vide a uberização atual que vivemos. empreender nada tem a ver com uma economia para a autonomia. já que esta é, antes de tudo, um pensar criativo com as/os outras/os, desde as/os outras/os, onde, coletivamente, recuperamos e desenvolvemos nossos sistemas de vida e direitos históricos anteriores ao estado, para descolonizar nossa história, nosso pensamento e nossas formas de levar a vida.



QUAL TRABALHO? REPENSANDO NOSSAS DINÂMICAS

Marina Knup São Paulo – SP

email: marina.knup@riseup.net

Quando adentramos o punk e o punk adentra nossas vidas, muitas rupturas, questionamentos, auto-criticas e conflitos começam a surgir em nossos cotidianos. Não somente com o mundo exterior, mas, também de modo muito forte, com nossos mundos interiores. Começamos um processo de não apenas apontar para os problemas externos do mundo, mas também de olhar para nossa próprias atitudes. Romper padrões sociais, destruir em nossas práticas diárias os autoritarismos, o racismo, o machismo e toda a lógica reinante que nos é enfiada goela abaixo desde que nascemos não é algo nada simples. São coisas que permeiam todas as nossas relações, modos de vida e pensamento e que muitas vezes somente reproduzimos sem nem sequer perceber. Tampouco é um processo que termina: evidentemente vamos seguir por toda a vida com essa auto-crítica e essa reflexão constante sobre o modo como nos relacionamos, vivemos, agimos, e como podemos mudar a realidade e nossas práticas. Enfim, seguimos sempre buscando outros modos de viver e de fazer de nossas vidas algo realmente vivo, pulsante e subversivo. E dentro de tudo isso, algo que desde muito tempo faz parte de nossas reflexões coletivas é a questão do trabalho. Como pensar o trabalho, essa atividade que é parte tão necessária

de nossa sobrevivência, dentro dessa perspectiva punk/anarquista? Nos séculos passados a corrente anarcosindicalista pautou muitas lutas e um combate ferrenho dentro do mundo do trabalho patronal, caracterizado pela exploração máxima do capital e pela lógica da produtividade, especialização, geração de lucros e competitividade. Para além das reivindicações emergenciais por direitos, a tônica era a proposta da tomada dos meios de produção pelos trabalhadoras e a auto-organização das fábricas e de todo esse ambiente industrial sem a existência de patrões.

Por outro lado, também vão se aprofundando as discussões e propostas no que toca à tentativa de sair do trabalho patronal e buscar formas autogestivas e autônomas de sobrevivência – seja por meio de cooperativas, seja em iniciativas individuais. E assim vão surgindo tantas experiências interessantes que buscam colocar em nossas mãos toda a gestão de nossos trabalhos, por meio das mais diversas atividades. São experiências que nos tiram da lógica patrão-empregado, criando relações horizontais e de caráter não-explorativo. Aí estão também as experiências que envolvem outras maneiras de ver o próprio trabalho, de buscar o máximo possível de autonomia de vida perante o mercado/capital e o estado – envolvendo a auto-produção de comida, roupas e outros bens materiais, a crítica ao consumismo, a reciclagem, as ocupações, a permacultura/bioconstrução, e um sem fim de propostas que não caberiam nesse pequeno texto. É certo que nossas possibilidades quanto a isso mudam muito conforme o contexto em que estamos: se vivemos no campo, na cidade, em quais geografias, com quais

dificuldades, em que época, quais atividades nos motivam, etc. E contando com o fato de que seguimos vivendo em um sistema capitalista que nos impõem a necessidade de gerar dinheiro para a sobrevivência material, mesmo que em alguns contextos possamos diminuir ao máximo a necessidade do uso do dinheiro. Porém, mesmo dentro dessas experiências autônomas de trabalho, algo muitas vezes segue em reprodução contínua. Algo que mesmo dentro de minha experiência pessoal, trabalhando há quase duas décadas como tatuadora de modo autônomo, muitas vezes percebi em meu cotidiano. Afinal, como pensamos o trabalho? Deixamos que a mesma lógica devoradora da produção capitalista invada nossos trabalhos autogeridos? Permitimos que essa mesma pressão por produção dite nossos ritmos e vidas? E seria possível pensar em um outro modo de organizar nossos tempos, nossas metas, e nossas necessidades? Se sim, como? Muitas vezes, apesar de não ter mais um patrão que te diga o que fazer, ou quanto produzir, ou com quanto dinheiro você vai ficar daquilo que foi gerado por seu próprio esforço, acabamos absorvendo as mesmas lógicas e gerando em nós mesmas grandes pressões que nos levam a trabalhar até mais horas diárias. Acabamos internalizando o modo de organização do capital, e nos cobrando mais e mais produtividade, nos negando tempo ocioso e descanso. Obviamente ainda assim, falando de quem trabalha de modo autônomo, temos a opção de definir quando vamos ou não trabalhar, em que dias, por quantas horas, ou se em determinado momento não vamos fazer nada e arcar com as consequências. De um modo ou outro, já estamos saindo de uma certa relação de

exploração e isso é ótimo. Contudo, em grande parte dos casos o trabalho como atividade geradora de dinheiro segue tendo uma centralidade muito grande em nossos cotidianos, segue sendo um dos principais organizadores de nossas vidas.

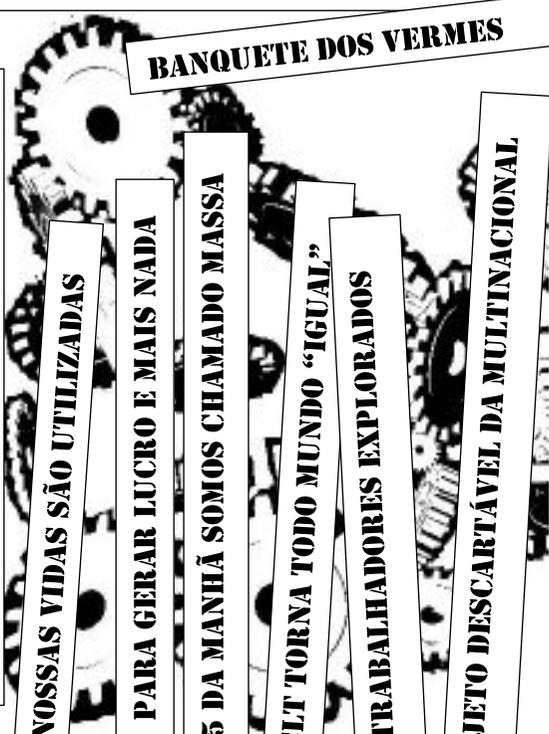
Tendo em vista nossas necessidades reais, é possível mudar essa posição central e reorganizar nossas vidas para que possamos também viver, conspirar, criar, e ter outros momentos? Ter tempo de nos dedicar a outras tantas atividades que, se não nos geram dinheiro, podem gerar muito mais prazer e satisfação? Enfim... podemos viver para além de lutar para sobreviver? Nossa realidade periférica e de dificuldades econômicas de sobrevivência quase sempre tornam isso uma tarefa difícil, mas repensar nossas dinâmicas de vida segue sendo algo importante! Fica ainda a necessidade de problematizar o próprio trabalho em si enquanto relação produtiva. Uma coisa são as atividades manuais/criativas/intelectuais que realizamos e que temos prazer em realizar. Outra, bem diferente, é o trabalho e a produção como se desenvolve dentro do sistema capitalista. As fábricas, as indústrias, a especialização cada vez maior que não te permite compreender o todo, o mito de que temos potencial para trabalhar em somente uma única profissão como se não pudessemos nos desenvolver em diversas áreas, a competitividade, as novas tecnologias a cada dia desenvolvidas, os tempos e modos de gestão, o controle, são todos pautados nas necessidades do próprio sistema capitalista. Sendo assim, o mundo do trabalho como o conhecemos, é inteiramente estruturado a partir destas necessidades e interesses.

E essa mesma lógica só pode existir por meio da exploração máxima da Terra, destruição de sua biodiversidade e de todos os ecossistemas, extração em escalas absurdas de seus recursos, etnocídio de todos os povos que por suas lógicas culturais de vida não se encaixam dentro deste modo de produção, racismo, desigualdades sociais, relações mundiais de exploração, etc.

E se, em última instância, hipoteticamente ocupamos as fábricas e expulsamos os patrões, mas mantemos o mesmo sistema produtivo tal qual existe, baseado no mesmo modelo, a raiz do problema segue ali. Não mudamos em uma vírgula o modo destrutivo com o qual esse sistema de produção interage com o planeta e a natureza. Há que se repensar todo o processo, e não apenas mudar as mãos que o organizam.

Mesmo dentro do meio anarquista, é comum se deparar com o elogio ao trabalho produtivo em contraposição ao ócio, a crítica a outras propostas de vida que não tem esse trabalho como centro de tudo. Em qualquer sociedade ou ambiente coletivo, certamente é importante a participação ativa de todos, a contribuição real com as necessidades existentes. Porém, há que se fazer uma crítica mais profunda as lógicas de trabalho e em como isso reproduz as relações do capital e do estado em nossas vidas e no planeta como um todo. As máquinas, a tecnologia e tudo o que advem deste sistema tecno-industrial de dominação capitalista foram criadas e seguem sendo a cada dia renovadas com o objetivo único de melhorar e manter este mesmo sistema. Se buscamos uma ruptura real com o mundo capitalista e um mundo livre para animais humanos, não humanos e

para a Terra, faz-se necessário repensar também o modo como “trabalhamos”, “produzimos” e interagimos com o planeta em função de nossa sobrevivência. Desde já, começar a experimentar e colocar em prática nossas propostas! **Rumo a liberdade, deixemos em cinzas toda essa estrutura que segue ainda em pé!**



8 HORAS DO MEU DIA ROUBAM DE MIM

BANQUETE DOS VERMES

8 HORAS DO MEU DIA ROUBAM DE MIM

NOSSAS VIDAS SÃO UTILIZADAS

PARA GERAR LUCRO E MAIS NADA

ÀS 5 DA MANHÃ SOMOS CHAMADO MASSA

A CLT TORNA TODO MUNDO "IGUAL"

TRABALHADORES EXPLORADOS

PROJETO DESCARTÁVEL DA MULTINACIONAL

FAÇA VOCÊ MESMO COMO RECUSA AO TRABALHO BRUTAL E DESUMANIZADOR

mauricio remigio - AP

email:mauricio.remigio08@gmail.com

Anarcopunks criam em seu cotidiano outras lógicas de relação com o mundo pautadas no aqui e agora. Ao rejeitarem o capitalismo criam outras experiências de sociabilidades por meio de múltiplas formas de rebeldia no cotidiano, seja de forma individual ou coletiva. A ação e a dinâmica de organização dxs anarcopunks ancorada em princípios anarquistas, ao se manterem atentxs a não hierarquização das relações, cria um ambiente de formação onde se problematiza questões sociais, inclusive a relação com o trabalho. Questões estas, relevantes por estarem relacionadas às causas das minorias com as quais xs anarcopunks encontram-se intimamente implicadxs.

Ao experimentar outras maneiras de convivência e de organização xs anarcopunks vivenciam esse processo de formação ao construir lugares que, mesmo provisórios, servem como vivências que transformam o modo de ver. As mudanças de comportamento experimentadas pelxs anarcopunks estão relacionadas ao entendimento de se construir relações sem hierarquias ou líderes. Instigam a busca pelo desejo de viver uma vida satisfatória seguindo seus interesses, cumprindo suas necessidades, distantes dos modelos sacrificantes de vidas dedicadas ao trabalho

sem relação com o que se deseja ou necessita. Entre tantos autores, John Holloway em seu livro “fissurar o capitalismo”, fala do trabalho “útil” ou “concreto”, como uma atividade vital e comum em todas as fases da existência humana ao contrário do trabalho “abstrato” que passa a existir como uma atividade distinta apartada das atividades vitais. O conceito de trabalho foi cunhado junto com o capitalismo, ou seja, a abstração do “fazer” em “trabalho” é um processo histórico de transformação que criou a síntese social do capitalismo. Dito de outra maneira, o trabalho não fazia parte das práticas da vida nas sociedades pré-capitalistas da maneira como reconhecemos. Nas sociedades pré-capitalistas as atividades não eram nomeadas como trabalho nem era separado dos demais fazeres. Assim, as questões relacionadas ao trabalho só fazem sentido a partir do capitalismo, a distinção do trabalho é uma abstração relacionada ao sistema. Portanto, o trabalho cria o capital, a base do que está nos destruindo, no entanto, um termo que pode ser empregado para se referir a essa atividade vital comum é o “fazer: a criação humana”. O “fazer” é a atividade comum a todas as fases da existência humana que nos impulsiona contra a criação do capital. A sociedade em que vivemos é resultado do trabalho abstrato, da abstração do fazer em trabalho. Nesse sentido, a luta contra o capitalismo não é a luta contra o trabalho assalariado, porque o ponto central do problema é o trabalho em si, O trabalho é brutal e desumanizador. O nosso poder é o poder de “fazer”, alerta Holloway, a capacidade de ir “em-contra-e-mais-além” do capital é também a capacidade de um “fazer-diferente” por meio da

construção de fissuras, as quais possibilitem uma socialização livre e baseada no reconhecimento das peculiaridades das atividades individuais e coletivas. Nesse sentido, o problema não é destruir a sociedade que vivemos, mas sim “parar de cria-la”, pois o “capitalismo existe, hoje, não porque o criamos duzentos anos atrás ou cem anos atrás, mas porque o criamos hoje. Se não o criamos amanhã, ele não existirá”. O faça você mesmx anarcopunk é uma possibilidade de ir “em-contra-e-mais-além” do capital. Por meio do faça você mesmx, quando se procura realizar suas produções, sem intermediários, xs anarcopunks constroem experiências ao seu modo, vivenciando e estimulando essas práticas como uma ação política cotidianizada. Ao negar a ideia de política centrada na figura de políticos profissionais e na representação, os lugares de aprendizagens criados pelxs anarcopunks, diferenciados dos institucionalmente legitimados e estabelecidos, podem se apresentar como uma alternativa radical para reagir ao capitalismo. Nestes lugares além de destruir os modelos de organização autoritários se aprende as construir outras relações com o trabalho.

Angustia No Angustia No Angustia No Trabalho não me dar dignidade Grita contra minha liberdade



A **ANGUSTIA NO** foi formada em 2010, em Campina Grande (PB). O nome foi escolhido por representar a ideia de libertação da realidade opressora em que estamos todos enquadrados. A ideia da **ANGUSTIA NO** não é só tocar. Com uma postura **anarquista**, anti-autoritária, anti-especifistas e

o anseio por **liberdade**, não buscam se delimitarem por rótulos.

A banda tem um registro em CD chamado Cenita. Depois de um período parada a banda volta a se reunir. Bené, Jr Karlos e Vespa fazem parte da formação atual.

Contatos:

vespargh@gmail.com

Fazeres é um zine anarcopunk. Aperiódico, é editado com a intensão de discutir temas pertinentes à movimentação anarcopunk.

Contatos:

mauricio.remigio08@gmail.com

